

O gênero textual *carta do leitor* no ensino de linguagem

Eliane de Fátima Manenti Rangel ¹

¹ Curso de Letras – Centro Universitário Franciscano (UNIFRA)

elianerangel@unifra.br

Resumo. *Este trabalho trata de gêneros textuais a partir de pressupostos teóricos baseados em autores como Bakhtin, Bonini, Meurer e Motta-Roth, entre outros, que entendem a leitura de gêneros como uma prática social, as quais fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas. Assim, objetiva-se discutir e analisar o gênero textual cartas do leitor no ensino de linguagem, propiciando aos alunos apreender as características gramático-textuais empregadas pelo autor da carta para opinar, reclamar, reivindicar ou defender seu ponto de vista. Desse modo, por meio da leitura e interpretação do referido gênero, procura-se discutir com os estudantes as diferentes formas utilizadas pelo autor para enfatizar a sua opinião e chamar a atenção dos leitores. O trabalho com esse gênero revela características lingüísticas e gramaticais que servem para modernizar a didática do ensino de linguagem, atingindo um resultado satisfatório em que se percebe que a leitura e a conseqüente produção do gênero carta do leitor instigam o aluno a desenvolver seu senso crítico e aperfeiçoar a habilidade de escrita.*

Abstract. *This paper focuses on the study of textual genres based on a theoretical framework supported by authors like Bakhtin, Bonini, Meurer and Motta-Roth among others, who consider the reading of any genre as a social practice, which is part of people's everyday life. By means of this paper, one aims at discussing and analyzing the textual genre reader letters in language teaching, thus allowing students to identify both the grammatical and the textual characteristics employed by the letter's author to give opinions, complain, demand or defend his/her point of view. Therefore, by reading and understanding such a genre, one can discuss with the students the different ways used by the author to emphasize his/her opinion and to call the readers' attention. The research on this genre shows some linguistic and grammatical characteristics which are able to modernize the language teaching didactics, thus having a positive result in the sense that the reading and the subsequent production of the genre reader letter prompt the students to develop their critical sense as well as to improve their writing skills.*

Palavras-chave: gênero textual; prática social; ensino de linguagem

1. Introdução

No final do século XX e início do século XXI, o campo dos saberes tem se apresentado propício à democratização do conhecimento em função dos avanços tecnológicos. Por esse motivo, o período atual tem sido frequentemente denominado de *era da informação*, devido à grande expansão que os modernos meios de comunicação têm atingido.

Segundo Bakhtin (1996, p.60), as diversas áreas das atividades humanas envolvem o uso da linguagem e esta é realizada na forma de enunciados individuais, que podem ser orais ou escritos¹, por parte dos participantes destas atividades. Os enunciados lingüísticos refletem as condições e objetivos específicos do assunto de interesse de cada falante. Isso ocorre não somente através do conteúdo e estilo lingüístico, que compreende a seleção de recursos lexicais, frasais e gramaticais, mas acima de tudo, compreende a estrutura composicional do texto que dá origem a um gênero específico.

É relevante destacar que se escolheu explorar a teoria dos gêneros textuais por se tratar de uma prática social do cotidiano, além de vir ao encontro das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa no sentido de abordar textos originais em sala de aula.

2. Concepções de gêneros

Coerentemente com o que foi exposto acima, compreende-se o conceito de gênero discursivo, conforme Bakhtin (1997, p.284), como “um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico”. É necessário ressaltar que, a partir dos estudos bakhtinianos a respeito de gêneros, muitos são os autores e as vertentes teóricas que se ocupam deste assunto.

Marcuschi (2003, p. 19-36) compreende os gêneros como “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Além disso, os gêneros “são definidos basicamente por seus propósitos (funções, intenções, interesses) e não por suas formas”. Contudo, o autor lembra que, embora os gêneros caracterizem-se mais por “aspectos sócio-comunicativos e funcionais”, isso não significa desprezar “o poder organizador das formas composicionais dos gêneros”, uma vez que o próprio Bakhtin considerava a constituição composicional, o conteúdo temático e o estilo como as três características dos gêneros. Ainda para Marcuschi, em muitos casos são as formas que determinam o gênero, em outros são as funções. Também há casos em que o suporte ou o ambiente onde os textos são veiculados determinam o gênero.

Bakhtin (1997) classifica os gêneros discursivos, dentro da heterogeneidade dos discursos, como *primários* ou simples e *secundários* ou complexos². O gênero do

¹ Vale lembrar que os enunciados escritos podem ser manuscritos, impressos ou eletrônicos.

Gêneros textuais jornalísticos em suportes diversos: análise e ensinov

² Importante destacar que a distinção entre gênero simples e complexo empregada por Bakhtin não levava em conta a complexidade existente atualmente, mesmo nas enunciações informais, sobretudo no âmbito virtual, quando o repertório da língua é acrescido de vocábulos técnicos, estrangeirismos, imagens e sons presentes na comunicação virtual.

discurso primário constitui-se em decorrência da comunicação verbal espontânea, como certos tipos de diálogos familiares ou entre amigos, enquanto que o gênero do discurso secundário, tais como contratos, crônicas, cartas oficiais, documentos científicos, constitui-se na comunicação cultural, apresentando uma melhor elaboração sintática, principalmente na modalidade escrita. Além disso, pode-se afirmar que o gênero secundário utiliza-se do primário, modificando-o e tornando-o mais complexo.

Assim, a diversidade de gêneros do discurso é imensa, bem como sua riqueza, porque são muitas as possibilidades de exposição da linguagem nas diferentes esferas da atividade humana. Cada esfera possui um repertório de gêneros que cresce e se transforma devido às necessidades sociais, dando origem, em muitos casos, a novos gêneros do discurso. Reforçando esta idéia, podemos trazer as palavras de Todorov, *apud* Swales (1993, p.36), ao afirmar que “um novo gênero é sempre a transformação de um ou vários gêneros velhos, por inversão, deslocamento ou por combinação”.

Marcuschi (2003, p. 22) contribui no sentido de esclarecer as noções de tipo textual e gênero textual, que, por vezes, são empregadas indistintamente. Entretanto, essa distinção é fundamental em todo trabalho de compreensão e produção textual. O autor parte das idéias de Bakhtin e Bronckart bem como de outros teóricos que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, privilegiando a natureza funcional e interativa da mesma. Assim, a expressão **tipo textual** é empregada para:

designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção³.

Ao passo que a expressão **gênero textual** é usada como uma:

noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição características. [...] os gêneros são inúmeros.

O termo gênero normalmente é associado aos estudos literários, daí, talvez, a tendência nos estudos lingüísticos para o uso da expressão **tipologia** ou **tipo textual** considerado mais tênue.

Numa discussão em torno de gêneros textuais, faz-se necessário uma exposição a respeito da definição de texto, entidade que organiza as atividades de linguagem em diferentes tipologias. Segundo Bronckart (1997), a definição de texto, numa acepção geral, “pode ser aplicada a toda e qualquer produção de linguagem oral ou escrita”, apresentando-se em diversos tamanhos, mas dotado de características comuns e que está relacionado ao contexto em que é produzido. Além disso, apresenta um modo de organização em relação ao seu conteúdo e frases articuladas de acordo com regras de composição. Nas palavras de Bronckart (1997, p 71) texto designa:

Gêneros textuais jornalísticos em suportes diversos: análise e ensino

³ Observe-se que nas seqüências tipológicas propostas por Adam (1997) existe diferença na classificação.

toda unidade de produção de linguagem que veicula uma mensagem lingüisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário. Conseqüentemente, essa unidade de produção de linguagem pode ser considerada como a unidade comunicativa de nível superior.

Por serem considerados produtos das atividades humanas, os textos estão associados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais e estas são muito diversas e evoluem com o curso da história, exigindo diferentes modos de configuração, aos quais Bronckart (1997) denomina *espécies de textos*. Para ele, o surgimento das espécies de textos pode estar relacionado ao “aparecimento de novas motivações sociais”, tais como a emergência dos artigos científicos no decorrer do século XIX, ou ao aparecimento de novas circunstâncias de comunicação, como os textos comerciais e publicitários, em função de um novo produto a ser comercializado.

Além disso, as novas espécies de textos, mencionadas pelo autor, podem estar associadas ao surgimento de novos suportes de comunicação como entrevistas televisivas ou *on line*. Os *e-mails* e as videoconferências, por exemplo, além de usarem um novo suporte comunicativo, surgiram como uma resposta à necessidade de uma comunicação mais rápida, devido ao corre-corre da vida contemporânea e em decorrência da evolução tecnológica.

Diante dessa diversidade de espécies de textos, existe a preocupação com a sua classificação, fato que ocorre baseado na noção de gênero textual ou gênero discursivo, tarefa que, de acordo com Petitjean (1989, p.87), para alguns autores parece “um empreendimento quase impossível ou impensável”. Já para outros teóricos, é uma atividade possível e, além disso, necessária.

Contudo, não podemos ignorar que os modos de classificação utilizados pelos diferentes autores que tratam da questão são pouco precisos, especialmente se prestarmos atenção nos livros didáticos veiculados nas escolas (Petitjean, 1989, p. 86-87). No que diz respeito a essa discussão em torno da clareza ou precisão, na concepção de Bronckart (1997, p.73), a classificação dos gêneros de textos é “profundamente vaga”. Na seqüência, o autor afirma que “as múltiplas classificações existentes são divergentes e parciais e nenhuma delas pode ser considerada como um modelo de referência estabilizado e coerente”.

Para o mesmo autor, as dificuldades e diversidades de classificação explicam-se a partir dos diversos critérios, que podem ser empregados para definir um gênero, podendo variar de acordo com:

- a) o tipo (finalidade) de atividade humana implicada, o que dá origem ao gênero literário, científico e jornalístico;
- b) os efeitos comunicativos visados, dando surgimento ao gênero poético, épico ou lírico;
- c) tamanho ou natureza do suporte midiático utilizado, originando a novela, o romance ou a reportagem;
- d) conteúdo temático, o que resulta no romance policial, ficção científica ou receita culinária.

Além disso, a dificuldade de classificação também pode ser analisada em função do aspecto histórico das produções de textos, ou seja, alguns gêneros desaparecem, assim como outros surgem. Nesse sentido, os gêneros estão em constante movimento e, por esse motivo, suas fronteiras não são claramente estabelecidas, apresentando critérios e definições móveis ou divergentes, ou, conforme Marcuschi (2003, p. 19), gêneros “não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa, ao contrário, caracterizam-se por serem maleáveis, dinâmicos e plásticos”

Em se tratando de atividades de linguagem, é importante destacar a contribuição de Adam (1997, p. 34), ao apregoar que “a natureza composicional de toda produção linguageira é profundamente heterogênea”. Essa heterogeneidade é a base da rejeição das *demarches* tipológicas e é um fato que os lingüistas não podem ignorar. Por esse motivo, define texto como “uma estrutura hierárquica complexa que compreende n seqüências – elípticas ou completas – do mesmo tipo ou de tipos diferentes”.

Por outro lado, Bronckart (1997) sugere, primeiramente, que o critério mais objetivo para identificação e classificação dos gêneros poderia ser o das unidades e das regras lingüísticas específicas, mas, num segundo momento, reconsidera esse pensamento, ao afirmar que um mesmo gênero pode ser composto por vários segmentos distintos, o que corrobora a idéia de Adam, o qual postula uma teoria baseada na concepção de uma tipologia seqüencial da textualidade, constituída por várias seqüências prototípicas, não podendo, portanto, ser definida por critérios puramente lingüísticos.

Para Bronckart (1997, p. 138), “os gêneros são intuitivamente diferenciáveis”, não podendo nunca ser “objeto de uma classificação radical, estável e definitiva”. Nessa perspectiva, pode-se considerar que os textos não pertencem a um determinado tipo textual estanque, o que era aceito até há alguns anos. Numa visão contemporânea, os textos são constituídos por seqüências tipológicas com variações lingüísticas e sintáticas, que podem ser de natureza narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, ou dialogal, sendo uma delas predominante, conforme afirma Adam (1997). Assim, definir o texto como uma estrutura constituída por seqüências tipológicas permite abordar a heterogeneidade composicional em termos hierárquicos.

Se recorrermos aos principais autores que tratam de gênero, podemos perceber que as diversas abordagens dos fenômenos textuais apresentam diferentes classificações e terminologias. No entanto, a noção de gênero, de acordo com Bronckart (1997, p.139), “está associada à de discurso e a noção de tipo está relacionada à de textos”. Portanto, a dimensão textual está subordinada à dimensão discursiva.

Bonini (2004), a partir de suas pesquisas, relata também a dificuldade que os teóricos têm em relação à classificação das variedades de espécies de textos. Contudo, diante dessas variedades, pode-se dizer que o romance, a notícia e a carta, por exemplo, são facilmente caracterizáveis como gênero, levando-os a considerar o gênero como uma prática social, pois alguns dos exemplos mencionados são de leitura diária por parte de algumas pessoas.

As investigações de Bonini (2004) acentuam as informações e teorias da maioria dos teóricos ao apresentar o gênero textual como um produto cultural, social e histórico, que passam a existir a partir de um conjunto de textos de determinadas práticas sociais.

Pode-se afirmar, também, que o gênero é um tipo específico de texto de qualquer natureza, podendo ser literária, educativa, jornalística, revelando-se como um tipo de enunciado, de ação da linguagem ou evento comunicativo resultante de práticas sociais vivenciadas pelos sujeitos falantes.

Para Bonini (2006), os jornais e revistas são tratados como hipergêneros, entendendo que eles são grandes gêneros que são constituídos e suportam vários outros gêneros menores. Neles contêm gêneros que são compostos por várias seções que, classificadas separadamente, formam outros gêneros como, artigos, crônicas, reportagens, carta do leitor, entre outros. Esses gêneros reunidos representam o jornal.

O referido autor dá ênfase aos estudos dos gêneros textuais jornalísticos, que representam um conjunto mais amplo de manifestações de comunicação de massa por apresentarem uma grande relevância social, ajudando na atualização dos indivíduos. Além disso, contribuem para a educação e a formação de cidadãos críticos, já que toda a informação seja ela positiva ou negativa afeta a sociedade de alguma forma, uma vez que os meios de comunicação são formadores de opinião pública.

Levando em conta essas perspectivas associadas ao ensino da leitura e da escrita ser uma prática social que envolve vários gêneros, resolveu-se abordar a teoria dos gêneros textuais e, mais especificamente, um gênero jornalístico. Por se tratar de uma prática social realizada por cidadãos leitores, escolheu-se a carta do leitor como objeto de análise, pois nela pode-se explorar a opinião do autor por meio do emprego de certas palavras em que ele mostra sua opinião a favor ou contra um determinado tema que pertence a um debate maior em um âmbito social.

2.2 Carta do leitor

Segundo Silva (*apud* Bezerra, 2003 p. 210) nem todas as cartas são da mesma natureza, pois circulam em campos diferentes de comunicação, com funções comunicativas variadas, dependendo dos objetivos das mesmas. Dessa forma, temos cartas como: carta resposta, carta pessoal, carta programa, carta circular, de negócios, de relações pessoais, de trabalho, etc. Sendo assim, a carta do leitor é considerada como subgênero do gênero maior “carta”, já que todas têm algo em comum que é levar um fato a alguém, mas são diversificados em suas formas de realização e em suas intenções.

Neste trabalho, e nesta subseção, mais especificamente, a carta do leitor será discutida, e posteriormente, analisada levando em consideração uma perspectiva funcional e interativa do referido gênero. Sabe-se que a carta do leitor é um texto que circula no contexto jornalístico com sua veiculação fixa em revistas ou jornais impressos ou eletrônicos e é um texto com ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, ou seja, o leitor, o autor do texto e a equipe da revista não se conhecem.

No entanto, os diversos propósitos de comunicação como, opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros, com o objetivo de publicar um ponto de vista em relação a um acontecimento ocorre por meio do texto, acontecendo, desse modo, a interação, mesmo que não seja por meio de contato, direto ou imediato.

Isso é possível porque a cultura de uma sociedade possui inúmeras atividades que são mediadas pela linguagem e os modos de utilização dessa linguagem são tão variados quanto forem as atividades humanas, as quais moldam a linguagem, garantindo a comunicação verbal, conforme menciona Bakhtin (1997).

Pode-se dizer que é a partir dos mais variados gêneros que os indivíduos tomam conhecimento e refletem sobre o que está acontecendo na sociedade. Desse modo, os leitores constituem opiniões e até mesmo transformam suas relações interpessoais. Nesse sentido, para Meurer (2002, p. 242) “as relações sociais dizem respeito às conexões, dependências e entrelaçamentos interpessoais envolvendo os participantes do evento discursivo”. Por esse motivo, acreditamos que a carta do leitor trata-se de um gênero relevante para ser explorado com estudantes que estejam em formação, no sentido de desenvolver o posicionamento crítico desses alunos diante de assuntos diversos e polêmicos. Diante dessa perspectiva, no próximo item, será feita uma reflexão sobre o que se pode explorar e enfatizar no ensino de linguagem com cartas do leitor no ensino de língua(gem).

3. Gêneros discursivos na sala de aula

Não se pode deixar de colocar algumas reflexões sobre o uso da leitura de gênero em sala de aula, pois conforme a proposta dos PCN é pertinente e aconselhável trabalhar com os mais diferentes gêneros textuais.

Dessa forma, coloca-se a pergunta: Como associar os conteúdos do currículo escolar aos gêneros textuais a fim de tornar os estudantes leitores mais críticos e cidadãos mais conscientes?

Uma concepção esclarecedora a respeito dos vários tipos de gêneros é indispensável para qualquer estudo, seja qual for a área das ciências – sociais ou exatas, pois, de acordo com Bakhtin (1997, p. 282) “conhecer a natureza do enunciado e as particularidades dos gêneros discursivos fortalece o vínculo entre linguagem e os saberes”. Dentro dessa perspectiva, destaca-se a necessidade do ensino dos gêneros aos estudantes, especialmente da área de línguas, pois é das diferentes tipologias que se extraem os fatos lingüísticos concretos.

Assim, o contato com os mais variados gêneros – da vida cotidiana ou institucional – como receitas, carta do leitor, documentos oficiais, desde uma simples carta à complexidade de um artigo científico, exercita a habilidade cognitiva e aprofunda a capacidade de compreensão e produção textual dos aprendizes, tornando-os mais aptos para transitar nos diferentes setores sociais e exercer com maior facilidade a cidadania. Nesse sentido, Schneuwly, (*apud* Koch, 2002, p. 55) entende o domínio do gênero como:

o próprio domínio da situação comunicativa, domínio este que se pode dar através do ensino das capacidades de linguagem, isto é, pelo ensino das aptidões exigidas para a produção de um gênero determinado. O ensino de gênero seria, pois, uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrência, aos seus educandos.

Além disso, Koch (2002) destaca que, para entendermos a configuração dos gêneros textuais, faz-se necessário analisá-los no contexto de situação e de cultura em que se desenvolvem, já que estão relacionados às diversas situações sociais.

A abordagem dos diferentes gêneros textuais no ensino deve ser pensada não só como objeto de análise, mas também como uma ferramenta para o desenvolvimento da linguagem, no sentido de que o educando possa conhecer melhor o gênero, assim como

compreender o lugar social e principalmente a função social dele fora da escola, na comunidade ou na sociedade.

Para a escolha do gênero apropriado, tanto para o uso quanto para a análise lingüística com os alunos, deve-se ter uma visão e conhecimento crítico de mundo diante do texto escolhido. Por isso, Motta-Roth e Meurer (2002, p.10-11) destacam que o “conhecimento crítico sobre práticas discursivas sociais” deve ser considerado muito importante. Nesse sentido, ressaltam que a vida social contemporânea exige o desenvolvimento de habilidades comunicativas nos indivíduos, possibilitando uma interação participativa e crítica no mundo social. Além disso, os autores mencionam também três aspectos básicos que envolvem a língua, definindo como o contexto do que se fala, quem fala e como se fala.

Sabe-se que já se desenvolvem trabalhos em livros didáticos e, portanto, em sala de aula, com textos da área da publicidade que são veiculados em jornais e revistas, pois são meios de comunicação do convívio das pessoas, sejam elas leitores assíduos ou não. Esses textos transmitem uma enorme variedade de idéias e proporcionam diversas formas de leituras aos estudantes de uma maneira prazerosa e dinâmica.

Dessa forma, a carta do leitor, por ser um gênero extremamente subjetivo, como diz Macêdo (2004) não deixa dúvida que é um bom objeto de aprendizagem para explorar traços como manifestações verbais, adverbiais e nominais e efeitos argumentativos, que possibilitam a diversidade de interpretações. O autor intitula essas manifestações e efeitos como indicadores atitudinais que servem para dar o valor argumentativo ao texto no momento da análise. Os indicadores atitudinais podem se manifestar em forma de advérbios, locuções adverbiais, substantivos e adjetivos para enfatizar bem o que o autor quer escrever ao seu interlocutor, conforme será visto na análise da carta. Por essas e outras razões, defende-se que a carta do leitor seja um bom exemplar de gênero textual para ser explorado no ensino de língua materna.

Tomando por base essa perspectiva, é fácil perceber que, ao delimitar as cartas do leitor como objeto de investigação, está-se diante de um gênero, que tem muito a ser analisado. É precisamente esse fato que torna instigante a análise desta forma de enunciação, sobretudo porque trabalha com as múltiplas possibilidades de emprego da linguagem.

4 Metodologia

Para desenvolver este trabalho, foi feita uma análise e discussão entre a professora-estagiária⁴ e os alunos da 7ª série do Instituto Estadual Olavo Bilac a respeito dos objetivos de escrever o gênero textual carta do leitor, isto é, qual seria a intenção do autor da carta ao escrevê-la, bem como suas características, destacando determinados vocábulos como advérbios, substantivos e adjetivos que são utilizados pelo autor para esclarecer e enfatizar seu ponto de vista ou a sua opinião em relação ao tema abordado.

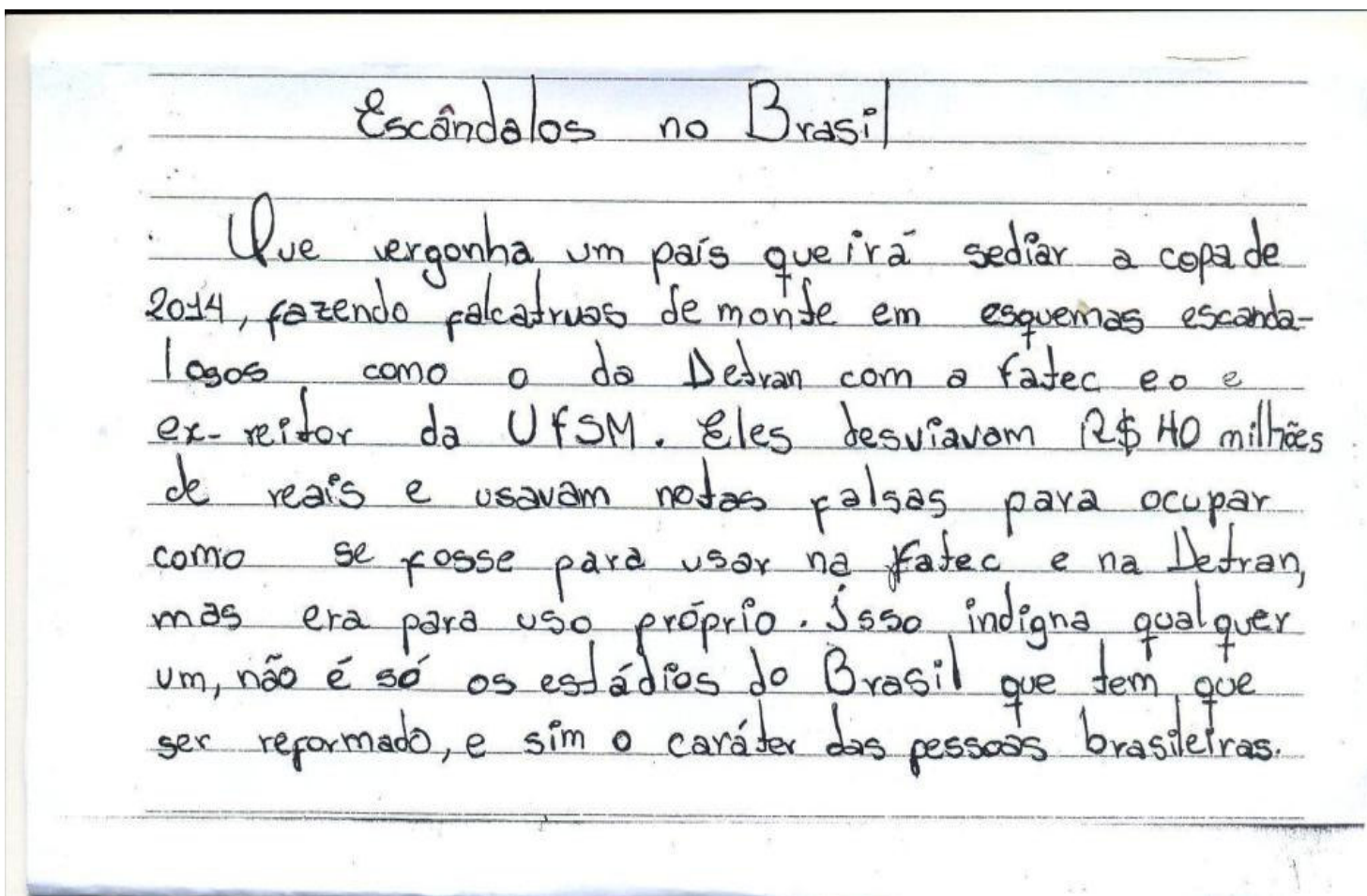
⁴ Destaca-se aqui que a professora-estagiária esteve sob minha orientação tanto no estágio curricular quanto no desenvolvimento do trabalho final de graduação.

Na seqüência, os alunos receberam jornais Zero Hora e Diário de Santa Maria para que lessem uma reportagem e, em seguida, produzissem a sua carta do leitor em relação à reportagem selecionada. O propósito desta atividade foi levar para os estudantes leituras que tratassem de acontecimentos da sua cidade, estado ou do seu país, instigando-os à leitura de diferentes gêneros com intuito de prepará-los para discutir ou debater sobre um determinado assunto e, posteriormente, levá-los a escrever o gênero - *carta do leitor* - mostrando a sua opinião diante do acontecimento/notícia lida.

5. Análise e discussão

Na seqüência serão analisadas duas cartas do leitor, escritas por alunos⁵, as quais atingiram os objetivos propostos que era, a partir da leitura de uma reportagem lida nos jornais, escrever uma carta, posicionando-se a favor ou contra o tema abordado.

1ª carta



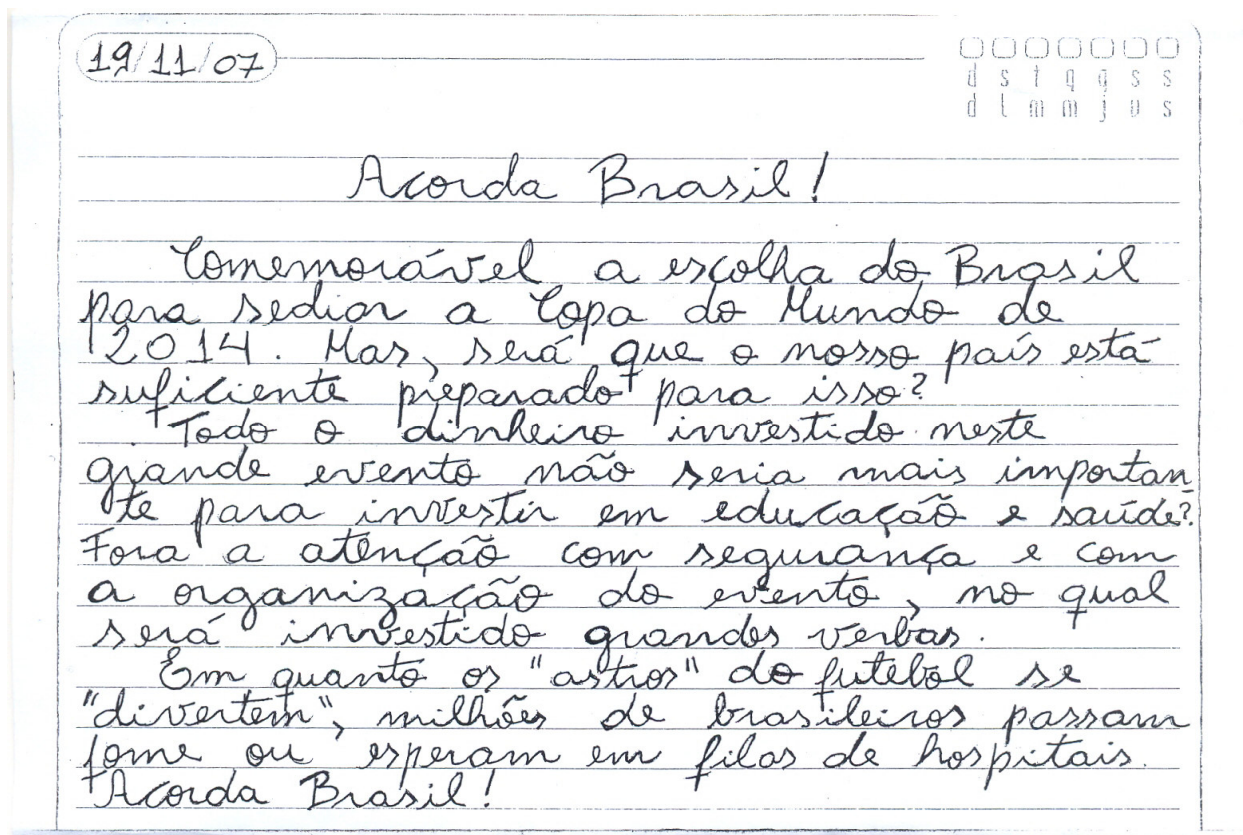
A primeira carta do leitor escrita por um aluno teve com base uma reportagem sobre a Copa de 2014 e o escândalo que envolveu o Detran, Fatec e UFSM com esquemas para desvio de dinheiro. O estudante conseguiu demonstrar seu ponto de

⁵ A série onde ocorreu a aplicação e desenvolvimento do trabalho com cartas do leitor era composta por 21 alunos.

vista, conforme pode ser observado no uso de substantivos como: “vergonha” e “falcatura” ao referir-se ao fato do envolvimento dos órgãos Detran e Fatec com a instituição UFSM. Tais palavras foram empregadas para enfatizar a sua indignação com o fato ocorrido. Esses recursos foram utilizados pelo estudante para mostrar o que pretendia. Em outras palavras, o propósito do aluno era denunciar os escândalos, envolvendo políticos e empresários de grandes empresas, conhecidas por toda a população de Santa Maria.

No término da carta, é utilizada uma frase de impacto para o fechamento, em que o autor afirma: “não é só os estádios do Brasil que tem que ser reformado, e sim o caráter das pessoas brasileiras.” Essa afirmação demonstra a indignação do aluno com o fato, reafirmando a sua opinião e mostrando, claramente, o quanto estava indignado com o ocorrido, pois a UFSM, instituição de renome e conhecida nacionalmente, deveria ser um exemplo de universidade. Ao contrário disso, algumas pessoas que trabalham na referida instituição envolvem-se com esquemas de desvio do dinheiro público para uso e benefício próprio.

2ª carta



19/11/07

Acorda Brasil!

Comemorável a escolha do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014. Mas, será que o nosso país está suficiente preparado para isso?

Todo o dinheiro investido neste grande evento não seria mais importante para investir em educação e saúde? Fora a atenção com segurança e com a organização do evento, no qual será investido grandes verbas.

Em quanto os "astros" do futebol se "divertem", milhões de brasileiros passam fome ou esperam em filas de hospitais.

Acorda Brasil!

Na segunda carta, o aluno abordou também o tema de uma reportagem que mencionava a escolha do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014. Foram utilizados dois recursos por parte do aluno, o primeiro para elogiar e outro para criticar. Primeiramente, ele empregou o adjetivo “comemorável” para demonstrar o

quanto é importante o Brasil sediar a Copa. Em seguida, a palavra “mas” que caracteriza oposição ao enunciado anterior, portanto ao elogio mencionado na primeira proposição.

Na seqüência, é feita a seguinte pergunta: “Mas, será que o nosso país está suficiente preparado para isso?”, questionamento que leva o leitor a refletir. Um recurso que prende a atenção do leitor no sentido de querer saber o que vai ser respondido. No entanto, a questão não é respondida pelo estudante, autor da carta.

Além disso, o autor faz outro questionamento em que são levantadas algumas possibilidades que levariam o Brasil a não sediar a Copa. Isso é feito pelo estudante ao questionar se não seria mais importante investir em educação e saúde, algumas das principais necessidades pelas quais o país passa. Com o segundo questionamento, o aluno mostra que conhece alguns dos problemas do país em relação à saúde e à educação. Nesse sentido, o autor da carta tenta demonstrar que resolver esses problemas seria mais importante que a Copa do Mundo ocorrer no nosso país.

Para finalizar, é feita uma crítica implícita em relação aos jogadores de futebol, pois conforme se sabe, ganham muito dinheiro, enquanto nas palavras do aluno: “milhões de brasileiros passam fome ou esperam em filas de hospitais”. Dessa forma, o estudante demonstra, mais uma vez, que conhece a realidade do país, criticando e expondo sua indignação em relação ao fato de escolherem sediar a Copa, ao invés de resolver os problemas com saúde e educação que o país sofre há anos. Pode-se perceber que nesta carta o aluno é claro em relação a sua opinião e em expor o porquê de suas críticas, já que mostrou o lado positivo e negativo da Copa do Mundo de 2014 acontecer no Brasil.

Em suma, esses alunos conseguiram colocar seu ponto de vista de forma clara e objetiva. Ao ler cada carta é possível entender o que cada aluno, sujeito-emissor, quer transmitir aos leitores, demonstrando, portanto, seu propósito em criticar os fatos polêmicos que ocorrem na cidade ou no país.

6. Considerações finais

Pode-se perceber que após a leitura e discussão dos propósitos de se escrever uma carta do leitor, bem como discutir as características do referido gênero, os alunos são capazes de se posicionarem diante de assuntos, por vezes, polêmico, argumentando a favor ou contra determinado tema por meio de palavras como substantivos ou adjetivos adequados.

Esse fato mostra que os alunos podem criar bons textos a partir de uma leitura e discussão crítica, com a mediação do educador, principalmente, tendo como base outros textos que se configuram em algum dos gêneros textuais que circulam na sociedade em que vivemos, portanto, textos originais, que se lê fora da escola.

Em contrapartida, ao produzir o seu próprio texto, o aluno tem a oportunidade de expor sua opinião em relação a uma reportagem polêmica por meio da carta do leitor que compreende uma prática social presente em nosso cotidiano em diversos veículos de comunicação.

7 Referências bibliográficas

- ADAM, J.M. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan Université, 1997.
- BAKHTIN, M. The problem of speech genres. In: **Speech genres & others late essays**. Texas: University of Texas Press, 1996. pg 60-102. Traduzido por Vern W. Mcgee.
- BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que carta do leitor na sala de aula. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003. p. 208-216
- BONINI, Adair. Gêneros Textuais/Discurso: o conceito e o fenômeno. In: CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (org.). **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004. p. 03-17
- BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Gaydeczka & Brito (org.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 57-71
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Médio– Língua Portuguesa**. Brasília: SEF/MEC, 1998.
- BRONCKART, J.P. **Atividades de linguagem e discurso**. São Paulo: EDUC, 1997.
- KOCH, Ingedore G. Vilhaça. **Desvendando os Segredos do Texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MACÊDO, Roberta Maria Matos Cavaleiro de. Os indicadores atitudinais no gênero textual cartas do leitor. In: **Revista Moara** (Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará), Belém, n. 22, p. 78-89, julho-dezembro 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definições e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003. p. 19-36
- MEURER, José Luiz. Uma Dimensão crítica do estudo de gêneros. In: MOTTA-ROTH, Désirée; MEURER, José Luiz (org.). **Gêneros Textuais e Práticas Discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 53-60.
- MOTTA-ROTH, Désirée; MEURER, José Luiz (org.). **Gêneros Textuais e Práticas Discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. São Paulo: EDUSC, 2002.
- PETITJEAN, A. Les typologies textuelles. In: **Pratiques**, n° 62, juin, 1989.
- SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in academic and research settings**. Cambridge University Press, 1993.